

# COMUNICAÇÃO, CIDADANIA & CULTURA

José Antônio Ferreira Cirino  
Claudomilson Fernandes Braga  
Organizadores

ISBN: 978-85-914776-8-5

C741 Comunicação, cidadania e cultura [recurso eletrônico] / José Antônio Ferreira Cirino, Claudomilson Fernandes Braga (orgs.). – Goiânia : UFG/FIC/PPGCOM, 2015.  
215 p. : il. ;

ISBN: 978-85-914776-8-5

1. Comunicação. 2. Cidadania. 3. Cultura. I. Cirino, José Antônio Ferreira II. Braga, Claudomilson Ferreira.

CDU: 316.77:341.215.4

# >>> Sumário

>>> Prefácio .....	5
<i>Simone Antoniaci Tuzzo</i>	
>>> Introdução .....	7
<i>Maria Francisca Magalhães Nogueira</i>	
Jornalismo de Serviço na Perspectiva da Cidadania: Um gênero entre as fronteiras da comunicação de massa, da cidadania e do consumo .....	9
<i>Mayara Jordana Sousa Santana; Ana Carolina Rocha Pessôa Temer</i>	
As características propostas por Otto Groth vistas no Ciberjornalismo .....	26
<i>Lara Guerreiro</i>	
O bandido deve morrer: representações de jovens pobres na mídia.....	43
<i>Gardene Leão de Castro Mendes</i>	
Antropomorfização, institucionalização e heroificação: a mudança de enquadramento e abordagem jornalística sobre um hospital estadual de Goiás .....	59
<i>José Antônio Ferreira Cirino; Simone Antoniaci Tuzzo</i>	
Representações Sociais da Comunicação Política: Moscovici e Schwartzberg na Propaganda Eleitoral .....	77
<i>Marcos Marinho Martins de Queiroz; Claudomilson Fernandes Braga</i>	
O estigma da Aids e o preconceito contra homossexuais: O estudo da discriminação contra homossexuais segundo a Teoria das Representações Sociais.....	95
<i>Marília de Almeida e Almeida; Claudomilson Fernandes Braga</i>	
A comunicação pública no contexto de uma TV controlada pelo Estado: Subsídios para um estudo de caso da Televisão Brasil Central .....	106
<i>Denyse Parreira de Deus Araújo Freitas; Magno Medeiros</i>	

## 4:

Dos Direitos Humanos ao Direito Humano à Comunicação na atualidade: Uma breve trajetória histórica de conceitos.....	122
<i>Michael Alessandro Figueira Valim; Goiamérico Felício Carneiro dos Santos</i>	
A Comunicação Organizacional e a Pesquisa Qualitativa.....	141
<i>Adriane Geralda Alves do Nascimento</i>	
Comunicação na biblioteca: o modelo de comunicação do Sistema de Bibliotecas da UFG .....	151
<i>Rose Mendes da Silva; Maria Francisca Magalhães Nogueira</i>	
Análise da articulação de saberes e práticas de poder segundo Foucault, explicitada no caso do juiz federal Eugênio Rosa de Araújo.....	168
<i>Elizabeth de Lima Venâncio</i>	
Pode haver uma cidade espírita? A representação da cultura religiosa em Palmelo...184	
<i>João Damasio; Luiz Signates</i>	
As tecnologias, os dispositivos e a comunicação .....	199
<i>Augusto Flamaryon Cecchin Bozz; Suely Henrique de Aquino Gomes</i>	
Trânsitos Imagéticos Urbanos: o Sujeito, o Lugar, o Espaço e suas apropriações.....	215
<i>Hertha Tatiely Silva; Goiamérico Felício Carneiro dos Santos</i>	
<i>Pixote</i> , Marginalidade e Melodrama: Condicionamento da questão social no interior da forma melodramática.....	230
<i>Rafael Freitas</i>	
O videogame e seus aspectos como uma nova mídia.....	248
<i>Victor Felipe Barbosa Pessoa</i>	

# >>> Prefácio

Prof. Dra. Simone Antoniaci Tuzzo

Comunicação, Cidadania e Cultura é uma publicação que reafirma o espírito da socialização do conhecimento como algo tão importante quanto a sua descoberta.

Os trabalhos aqui publicados foram selecionados a partir da realização do VIII Seminário de Mídia e Cidadania e do VI Seminário de Mídia e Cultura (Semic), eventos organizados pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás – UFG, e que neste ano superaram todos os números de sua trajetória.

Os mais de 200 autores de 75 trabalhos tiveram a oportunidade de discutir ciência e partilhar conhecimentos nos 7 GTs – Grupos de Trabalho – que compõe o SEMIC, quais sejam: GT1 – Jornalismo e Cidadania; GT2a - Cidadania e Leitura Crítica da Mídia; GT2b – Comunicação e Representações Sociais; GT3 – Mídia, Cidadania e Direitos Humanos do VIII Seminário de Mídia e Cidadania e GT4 – Comunicação, cultura e imaginário nas organizações; GT5 – Comunicação e Religiosidade; GT6 – Corpo, Subjetividade, Mídia e Consumo; GT7 – Narrativas, Entretenimento e Tecnologia do VI Seminário de Mídia e Cultura.

Deste universo, as mais representativas pesquisas de cada GT agora constituem este e-book.

O tema do Seminário 2014 foi “Comunicação e manifestações populares”, desta forma, importantes e instigantes trabalhos de distintas partes do Brasil reforçam este tema num cenário social de constante transformação.

Esta é uma publicação coletiva, organizada pelo Professor Claudomilson Fernandes Braga e pelo Mestrando José Antônio Ferreira Cirino, mas que também contou com os esforços de alunos e professores que organizaram os eventos, dos participantes que construíram suas apresentações, dos avaliadores que chegaram a este grupo de pesquisas que constitui este livro que tem aqui o seu início, pois no seu nascimento firma-se também a esperança de que nas mãos de cada leitor a pesquisa

## 6:

se firme como um dos tripés da Universidade que devolve para a sociedade a razão de existência da ciência, ou seja, o desenvolvimento social.

Os estimulantes títulos apresentados no sumário são um convite para a leitura e novas descobertas, novos olhares que certamente gerarão novas descobertas e assim a certeza de que cada pesquisa é apenas mais um olhar que precisa de inquietos pesquisadores para continuar esse processo infindável, certos de que é na pesquisa que o conhecimento se consolida e o senso comum se transforma em ciência.

A vocês que agora têm em mãos este rico material eu desejo uma boa leitura!

# >>> Introdução

Prof. Dra. Maria Francisca Magalhães Nogueira

Este livro é resultado de mais uma edição do evento organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). O Seminário de Mídia e Cidadania já está em sua oitava edição, e o Seminário de Mídia e Cultura, na sexta. A cada ano vê-se o SEMIC alcançando mais vigor e, para traduzir este espírito, conta-se agora com a publicação de seu primeiro *e-book*.

O evento já se tornou um espaço plural de discussão de temas importantes na área de comunicação, com a participação de docentes e alunos de pós-graduação da UFG e de outras instituições de ensino superior, incluindo assíduos participantes da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

Em 2014 foram 75 trabalhos aprovados, entre artigos, relatos de pesquisa e ensaios, para serem apresentados nos sete Grupos de Trabalho (GTs) que compõem o SEMIC. Os mais representativos de cada GT foram selecionados para publicação neste *e-book*.

Em múltiplos caminhos, os trabalhos aqui apresentados propõem um modo específico de olhar a comunicação, embora destituídos de generalizações simplificadoras. Cada um dos temas se articula recuperando os objetos de investigação que convergem para o âmbito e abrangência das duas linhas de pesquisa da Pós-Graduação: Mídia e Cultura e Mídia e Cidadania.

O que aqui se pretende é apresentar a complexidade da comunicação em muitas de suas vertentes, articuladas em variados e excitantes temas. O conjunto de artigos é representativo do caráter amplo e interdisciplinar da comunicação. Entretanto, a diversidade de temas mantém uma unidade teórico-metodológica que espelha os interesses e projetos de pesquisa associados ao programa. Questões sobre o consumo, a religião, as novas mídias, as narrativas transmidiáticas e as redes sociais, bem como televisão, cinema, cultura organizacional e políticas públicas de comunicação – temas mais tradicionais, apresentam um debate de fundo sobre a

## 8:

epistemologia, as teorias e os rumos que a pesquisa na área pode trilhar na universidade.

Neste sentido, a participação dos alunos na produção dos textos é fundamental. Seus problemas de pesquisa ganham formulação mais densa no debate com outros alunos e suas intuições se abrem às críticas dos colegas. A experiência do debate intelectual tem precedência, neste *e-book*, à unidade temática, pois constitui a essência da produção de conhecimento no ambiente acadêmico.

Este livro se propõe a conjugar e articular saberes a partir de visões capazes de fecundar novas perspectivas de pesquisa acerca da comunicação em suas múltiplas faces. Afinal, abre espaço para o que Prigogine (2001, p. 37) denomina “fim das certezas”. Ora, dispor-se às incertezas requer o acolhimento de posturas investigativas capazes de suscitar, ampliar e englobar o debate. Boa leitura.



## Antropomorfização, institucionalização e heroificação: a mudança de enquadramento e abordagem jornalística sobre um hospital estadual de Goiás<sup>9</sup>

José Antônio Ferreira CIRINO<sup>10</sup>  
Simone Antoniaci TUZZO<sup>11</sup>

### Resumo

A partir de uma leitura crítica do discurso midiático da matéria jornalística publicada no Jornal Diário da Manhã “Hugo, o hospital que sarou” objetiva-se compreender o texto em relação às práticas discursivas e seus reflexos nas práticas sociais, conforme a análise tridimensional da Análise Crítica de Discurso (ACD) proposta por Fairclough (2001). Com a análise verificam-se uma nova abordagem e enquadramento sobre o Hugo, diferentes dos discursos anteriormente difundidos de uma matriz discursiva mais ampla – a da saúde pública estadual, quase sempre posicionada nos veículos midiáticos como ineficiente. A antropomorfização, institucionalização e heroificação despontaram como elementos dessa mudança rumo ao “novo Hugo”.

**Palavras-chave:** leitura crítica da mídia; saúde pública; análise crítica de discurso;

### Introdução

Os discursos sobre saúde pública são construídos principalmente através do olhar proposto pela mídia, em seus enquadramentos e abordagens jornalísticas. Compreender qual o teor desses enquadramentos e abordagens é um caminho para entender quais vozes estão presentes na matéria jornalística e até mesmo o poder simbólico exercido sobre a sociedade.

Falar de saúde pública é discutir a cidadania, e quase sempre se esbarra em questões que se definem na sua própria inexistência. O que vemos sendo informado

---

<sup>9</sup> Avanços do trabalho originalmente apresentado no GT – Cidadania e Leitura Crítica da Mídia do VIII Seminário de Mídia e Cidadania (SEMIC) – Faculdade de Informação e Comunicação – Universidade Federal de Goiás. 20 e 21 de outubro de 2014.

<sup>10</sup>Mestrando em Comunicação, linha de pesquisa Mídia e Cidadania na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Aluno participante do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, Casadinho/Procad. E-mail: [tonny.mfc@gmail.com](mailto:tonny.mfc@gmail.com)

<sup>11</sup>Doutora em Comunicação pela UFRJ, Mestre e Graduada em Comunicação pela UMEESP, Docente do PPGCOM da Universidade Federal de Goiás – UFG. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Rupturas Metodológicas para uma leitura crítica da Mídia entre os Programas de Pós-Graduação da UFG e UFRJ, Casadinho/Procad. Trabalho desenvolvido na linha de pesquisa Mídia e Cidadania – PPGCOM – UFG. E-mail: [simonetuzzo@hotmail.com](mailto:simonetuzzo@hotmail.com)

## 60:

pelos veículos de comunicação? O que é a cidadania a partir da ótica da mídia e que é apropriada, ressignificada e utilizada por nós?

A mídia apresenta o conceito de cidadania como algo em busca, o ideal de quem ainda não é cidadão e precisa chegar a essa categoria existencial. Não encontramos a palavra subcidadania nos discursos midiáticos, o que poderia nos levar num primeiro momento a compreender que a mídia não considera a subcidadania. Mas isso seria um erro, porque na verdade a mídia trabalha frequentemente com subcidadania em seus discursos e não com cidadania. Na verdade fala-se a palavra cidadania, mas sempre no sentido de tudo que falta, de um objetivo a ser alcançado. Os conceitos de cidadania são, na verdade, conceitos de subcidadania. O discurso é feito para o subcidadão, sob o título de “busca pela cidadania”, a subcidadania encontrou um sinônimo capaz de não chocar os pertencentes a esta categoria. (TUZZO, 2014, p. 176).

O conceito de subcidadania foi apresentado inicialmente no livro de Souza (2003) “A construção social da subcidadania”. Esse termo pode ser evidenciado nos discursos midiáticos referente a saúde, pois o que verificamos é sempre algo que falta. O cidadão nunca pleno busca o atendimento, ou qualidade nesse atendimento, ou até mesmo, que o próprio atendimento aconteça. Encarar a subcidadania é aceitar a condição *sub* em que nossa sociedade está mergulhada.

O lado *sub* expressado nas diversas matérias revela também a dualidade do fato e acontecimento onde uma realidade pode ser lida de formas diferentes. É passível, então, de entendimento, que o lugar de situação da população que necessita dos serviços de saúde é dos “[...] desprivilegiados economicamente” que “são subcidadãos, categorizados no discurso midiático dos desejantes, buscadores da cidadania, pedintes de uma doação do Estado [...]” (TUZZO, 2014, p. 176).

Se para Luhmann (2005, p. 143) a mídia consegue “com suas contínuas construções de realidade” destruir o entendimento de liberdade, poderia ela destruir também nossa concepção adequada do que são nossos direitos dentro de todo o sistema? Estariam os *cidadãos* acostumados a saberem que na saúde eles não têm nada e por isso continua-se a representação que se tem da saúde pública?

[...] a saúde é uma área de cobertura jornalística que gera muita audiência, já que o tema é sensível e está, na maioria das vezes,

ligado à ausência de algum serviço ou atendimento, sendo um assunto apelativo para a população e, conseqüentemente, gerando mais audiência para os veículos de comunicação. (MENEZES, WANDERLEY e BRAGA, 2012, p. 09)

Em Goiás, a partir de 2012 o Hospital de Urgências de Goiânia passou a ser administrado por uma Organização Social – entidade sem fins lucrativos – que compartilha a gestão da unidade com a Secretaria Estadual de Saúde e é fiscalizada por intermédio de um contrato de gestão que regula repasses mensais de acordo com a produtividade de atendimentos.

Um dos elementos mais importantes para compreender o motivo do novo enquadramento em relação aos hospitais reside exatamente nessa mudança de gestão sofrida nos últimos dois anos na saúde pública estadual, ocasionada principalmente pela crise nos hospitais, episódio que oportunizou a entrada das Organizações Sociais (OSs) em Goiás:

O relatório do Sistema Nacional de Auditoria do SUS mostra que o Hospital de Urgências de Goiânia (Hugo) está “em condições precárias de funcionamento, com carência de insumos e equipamentos e falta de medicamentos. As instalações físicas, equipamentos e mobiliários encontram-se em processo de deterioração, refletindo a ausência de manutenção”. Ainda segundo o relatório, o mesmo cenário é visto em outros hospitais de Goiás (...) (O POPULAR, 2012).

As matérias divulgadas em todos os veículos retratavam o caos na saúde pública que justificou a proposta solucionadora divulgada pela Secretaria Estadual de Saúde (SES-GO) de uma *Gestão Inteligente do SUS*, qualificando-a como uma administração que obtém resultados satisfatórios para o atendimento da população.

Esse trabalho fundamenta-se na análise de um discurso midiático que contrapõe o senso comum de crítica à saúde pública e pode representar uma forma da mídia reestruturar os pré-conceitos sobre os serviços governamentais. Ao se trabalhar com apenas um discurso positivo diante de uma sequência histórica de discursos negativos, o importante neste trabalho é a verificação de uma lógica discursiva que pode refletir uma nova sequência ou agir de forma isolada.

### Discurso e a notícia

Diversos teóricos e profissionais se debruçaram a pesquisar e compreender as faces de um discurso. Comumente vemos a palavra *discurso* ser empregada nas atividades de pronúncia de oratória por pessoas em posição de autoridade, geralmente políticos, e por isso também se tem a significação de algo como uma falácia, quando categoriza-se como *só discurso*. Para Maingueneau (2011, p. 51) “‘discurso’ é constantemente ambíguo, pois pode designar tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos [...]”.

Embora a multiplicidade de entendimentos, o discurso que gera inquietação científica para a produção desta pesquisa, refere-se especificamente ao discurso midiático. De acordo com Thompson (2011, p. 71, grifo do autor), “nós estamos ativamente nos modificando *por meio de* mensagens e de conteúdo significativo oferecidos pelos produtos da mídia (entre outras coisas)”. O autor descreve ainda um processo de *apropriação* ao qual a sociedade toma em relação aos produtos da mídia, que nada mais são que discursos. Esses discursos são assimilados e introduzidos na vida de cada indivíduo.

Algumas questões que devem ser compreendidas acerca do discurso e que o caracteriza como algo não ingênuo: ele é organizado para além da frase – constitui-se como existência além da própria criação; é orientado, pois é construído por um remetente que prevê um destinatário, e localizado em espaço-tempo; é uma forma de ação que exerce uma força ao(s) outro(s), com o intuito de modificar uma situação; é interativo e dialógico, sendo por si só uma via de mão dupla, o qual é também modificado pela plataforma simbólica e conjuntos de signos do interpretante/leitor; é contextualizado, nunca fica fora de uma prática social e contexto histórico ao qual foi concebido; é assumido por um sujeito que lhe confere referência; regido por normas, a depender do gênero a que pertence; e por fim é considerado parte de um interdiscurso para que tenha significado a partir do tema proposto (MAINGUENEAU, 2011).

É válido ressaltar que a ação da linguagem ou do próprio discurso não é exercida somente no mundo, mas principalmente nos indivíduos que interagem na mudança desse mundo. Fairclough (2001, p. 25) salienta que “as mudanças sociais não envolvem apenas a linguagem, mas são constituídas de modo significativo por mudanças nas práticas de linguagem”. O que na opinião do lingüista britânico é demonstrado pela necessidade gerada na mudança da linguagem tentando mudar as práticas sociais. “Causar mudanças nas práticas discursivas como parte da engenharia da mudança social e cultural” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 26).

O intuito principal quando de uma análise do discurso midiático é revelarmos possíveis características e peculiaridades dos textos produzidos pelos veículos de comunicação. Textualmente Thompson (2011, p. 37) traz que “[...] a análise da comunicação deve se basear, pelo menos em parte, na análise da ação e na consideração do seu caráter socialmente contextualizado”. Charaudeau (2014, p. 67) afirma que “[...] não se pode deixar de apresentar instrumentos de reflexão (e de descrição) que permitam compreender (e analisar) melhor esses fenômenos”.

A elaboração de uma notícia faz parte de um processo de seleção e exclusão, incluindo alguma informação ou angulação da verdade, deixando de fora o outro lado. O fato de escolher fontes, dados e informações, privilegiando em detrimento de outras, demonstra o caráter parcial e opinativo das matérias jornalísticas. “O problema, portanto, não está na verdade, mas na seletividade, que é inevitável, mas também desejada e regulamentada” (LUHMANN, 2005, p. 56).

“De tal modo, o discurso não é meramente informativo, mas também *autoconfirmativo*, gerador de uma circularidade capaz de modificar os fatos que são objeto da informação” (SODRÉ, 2009, p. 39). É necessário ter em mente que o mundo tem sido desenhado a partir das cores e os tons dados pelo jornalismo. “Os acontecimentos serão a imagem que a própria sociedade vai oferecer sobre si mesma, e sobre as outras sociedades [...]” (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 131).

### **Teoria Crítica Social para uma Leitura Crítica da Mídia**

Vivemos momentos difíceis em que a emancipação ideológica e de fala é uma questão crucial para a evolução dos indivíduos e da própria sociedade. O controle e

## 64:

coerção impostos pelos indivíduos a si próprios ao replicar os discursos e as ações orientadas como as mais adequadas, castram o ideal revolucionário da busca alternativa de soluções. A crítica vem para romper com os próprios modelos metodológicos estabelecidos como *padrões* dentro da pesquisa.

Teorias críticas são opostas às teorias científicas, pois as científicas exigem confirmações empíricas a partir de experimentos e atividades totalmente positivistas e às críticas se mantém conforme o grau de aceitação de suas reflexões e a viabilidade/validade delas para aplicação no momento vigente. “Uma meta básica da Escola de Frankfurt é a crítica ao positivismo e a reabilitação da reflexão com uma categoria de conhecimento válido” (GEUSS, 1988, p. 9). Além disso, sua condição de teoria social o é outorgado graças a sua preocupação com a sociedade como um todo e detentora de estrutura cognitiva reflexiva.

1 - Teorias críticas têm posição especial como guias para a ação humana, visto que: a) elas visam produzir esclarecimento entre os agentes que as defendem, isto é, capacitando esses agentes a estipular quais são seus verdadeiros interesses; b) elas são inerentemente emancipatórias, isto é, elas libertam os agentes de um tipo de coerção que é, pelo menos parcialmente, auto-imposta, a auto-frustração da ação humana consciente. 2 - Teorias críticas têm conteúdo cognitivo, isto é, são formas de conhecimento. 3 – Teorias críticas diferem epistemologicamente de teorias em ciências naturais, de maneira essencial. As teorias em ciência natural são “objetificantes”; as teorias críticas são “reflexivas”. (GEUSS, 1988, p. 8)

De acordo com Guareschi (1991, p. 54), “as teorias críticas dão um passo atrás e passam a examinar as ‘configurações de mundo’ que podem ser utilizadas para legitimar instituições sociais repressivas”. Na interpretação do autor, “não haveria libertação verdadeira enquanto não houvesse consciência da figuração de mundo ideológica e enquanto essas instituições coercitivas básicas estivessem imunes à livre discussão e à crítica”.

Sinteticamente, a teoria crítica prevê uma *desalienação* ou iluminação dos indivíduos sobre sua característica de controlado para que se possa obter a libertação e outro caminho possível por meio da reflexão. Diferente do que a maioria das pessoas classificam a Escola de Frankfurt não é *pessimista* para ser *pessimista*, mas sim tem

uma visão crítica da realidade social com o propósito de imaginar uma outra situação possível e não só o que está em vigência. É a prática do pensar fora da caixa, tão difícil nos dias atuais. Talvez por isso seja uma escola de pensamento extremamente criticada, a maioria das pessoas não conseguem se imaginar fora desse sistema e por isso, é quase não-crível ver uma alternativa de sobreviver fora dele.

Com este ângulo, podemos trazer as contribuições contemporâneas e atuais de uma crítica social para analisar os diferentes aspectos da cidadania a partir da ótica dos dominados pelos aparelhos ideológicos do Estado que sofrem diariamente com a execução de um poder simbólico que violenta e agride os subcidadãos, usuários e *pedintes* das benesses públicas (educação, saúde, segurança, transporte, etc.).

Rüdiger (2007, p. 144) conclui que a “a reflexão crítica, ao contrário, não tem por objetivo provar alguma tese mas, sim, nos fazer pensar e, por aí, nos tornar mais conscientes ao mesmo tempo dos limites e potenciais de mudança existentes na realidade”.

Essa base da teoria crítica propõe uma visão contemporânea, com aporte nos latino-americanos. Para compreender esses processos midiáticos de superexposição de determinados assuntos e ocultação de outros, além da clara distribuição de pacotes ideológicos nas entrelinhas das matérias/textos, valemo-nos da reinterpretação sobre a mídia. A leitura crítica destes processos outrora jamais questionados.

A proposta de reinterpretação consiste na revisão teórica e metodológica do histórico processo de Leitura Crítica da Comunicação, desde sua implementação nos anos 1970. [...] Nesta proposta de pesquisa, portanto, o ponto de partida é o entendimento da crítica como possibilidade de re-descobrir – o lançar um novo olhar – mais profundo, que permita desconstruir a realidade e a partir daí lance bases para propostas de transformação. (TUZZO, 2014, p. 160)

Um dos grandes expoentes da Leitura Crítica no Brasil foi sem dúvida o autor Paulo Freire, apesar de não conter nominalmente tal prática como metodologia ou embasamento teórico, percebe-se nitidamente a influência frankfurtiana/adorniana em seus escritos voltados à emancipação dos oprimidos, conscientizando-os principalmente para reconhecer seus opressores. “O diálogo crítico e libertador, por

## 66:

isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação” (FREIRE, 2005, p. 59).

[...] Os novos meios oferecem facilidade técnica para a publicação/circulação de informações e, de várias formas, colocam em cheque a própria prática jornalística, na medida em que abrem a possibilidade para a produção de informantes autônomos, amadores e experimentais. No meio dessa avalanche informacional, com notícias e construções (retratos) da realidade que se sobrepõem nas mídias eletrônicas e digitais, o imperativo da crítica faz-se ainda mais necessário. (PAIVA e GABBAY, 2009, p. 8-9)

Com a exposição do cenário contemporâneo da produção jornalística retratada por Paiva e Gabbay (2009), é possível compreender a necessidade – salientada desde a época do nascimento da Escola de Frankfurt – de preocupar-se com a indústria cultural, os conglomerados midiáticos e mais especificamente com o que tem sido divulgado aos indivíduos. A leitura crítica vem ocupar nas pesquisas brasileiras o espaço e o campo teórico-crítico que elucida e revela o lado humano do rádio, TV, jornais, internet, etc. Humano, pois, assim como os seres que os concebem e controlam, estão passíveis de erros, conscientes ou inconscientes capazes de gerar uma nova visão sobre a realidade, ou gerar uma própria nova realidade.

Sejam quais forem as limitações da obra dos teóricos críticos, eles estavam corretos, no meu ponto de vista, ao enfatizar a importância persistente da dominação no mundo moderno; estavam certos ao realçar que os indivíduos são agentes auto-reflexivos que podem aprofundar a compreensão de si mesmos e de outros e que podem, a partir desta compreensão, agir para mudar as condições de suas vidas; (THOMPSON, 1995, p. 426)

O que Thompson (1995) conclui em seu livro sobre a ideologia e cultura moderna, refletindo quanto a teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa, é que independente de qualquer contraponto que a teoria tenha recebido, ela tem sua validade como um pensamento que emerge como um suspiro na luta contra a dominação. Freire (2005) corrobora trazendo o conceito do diálogo e o pensar crítico para a emancipação dos indivíduos, ação tão almejada entre os frankfurtianos.



Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade. [...] Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há a verdadeira educação. (FREIRE, 2005, p. 95-96)

O pensamento crítico preconizado por Freire (2005) é através da Leitura Crítica da Mídia o esteio e base singular para a concepção desta pesquisa para compreender a metodologia aplicada.

### **Análise Crítica de Discurso do hospital que sarou**

Ciente da dificuldade em obter um método totalmente eficiente para compreender esse jogo de persuasão e ocultação ideológica dos interesses nas informações difundidas optou-se nesta pesquisa por uma abordagem da Análise Crítica do Discurso (ACD), proposta por Fairclough (2001), atual e que se baseia nas relações do texto com as práticas discursivas e com as práticas sociais.

A ACD é pertinente a esta pesquisa por tratar-se da análise de um objeto inserido em um contexto voltado às mudanças sociais no que tange à saúde pública e um de seus aparelhos mais notáveis situados na cidade de Goiânia, o Hugo – Hospital de Urgências de Goiânia, com foco especial em uma matéria publicada a seu respeito trazendo à tona um enquadramento diferenciado sobre o mesmo.

Fairclough (2001) entende que o discurso transforma as práticas sociais, e que as próprias práticas sociais alteram também o discurso. “Sem o discurso não há práticas sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 285). A ACD retoma conceitos e abordagens da análise de discurso da linha francesa, mas não se atém à linguística tradicional, perpassa pelo campo social, motivo pelo qual sofre críticas da academia que se dedica exclusivamente aos estudos convencionais do discurso.

À luz de Dijk (2010) faz-se necessário salientar que a ACD não é uma escola ou linha para análise de discurso, mas sim um modo ou perspectiva de análise voltada à crítica, não possuindo um enfoque teórico único, e caracteriza-se como multidisciplinar e com diversos métodos de coleta e análise. “Isso significa que não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas,

## 68:

operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva” (RESENDE, 2006, p. 14).

Diferente da maioria dos métodos científicos, a análise crítica de discurso não espera uma neutralidade de seus pesquisadores, pois isso seria utopia. A parcialidade, ou em melhores termos, o aprofundamento de conhecimento da área em que se está analisando o discurso social, fará com que a pesquisa seja aprofundada ao nível necessário em que se exige o olhar crítico. “Assim como o conhecimento social é inevitavelmente parcial, a análise textual é inevitavelmente seletiva [...]” (RESENDE, 2006, 141). Assim também, não se espera saciar todos os anseios e inquietações dentro do texto analisado, são lançados olhares e apontamentos que mais se destacam para a problemática proposta pela pesquisa, mas longe de almejar o esgotamento do objeto estudado.

A análise primária da ACD refere-se à compreensão dos níveis de interação do discurso, chamado *modelo tridimensional de análise*. Neste sentido, iniciamos a análise desta pesquisa compreendendo que é um *texto* publicado em um jornal impresso goiano que compõe uma *prática discursiva* do hospital público estadual administrado por uma Organização Social e que promove uma *prática social* dentro do contexto da saúde pública e da própria cidadania. O que faz com que a interdisciplinaridade esteja imbricada neste trabalho.

Nesse ínterim, a matéria analisada possui como título “Hugo, o hospital que sarou<sup>12</sup>” (DM, 2014) e foi publicada no dia 17 de julho de 2014 na editoria *Saúde* do Jornal Diário da Manhã, periódico diário de abrangência estadual e um dos principais do Estado. Além de sua relevância em termos de audiência, o jornal foi escolhido por apresentar um formato e linguagem diferente dos outros jornais, pontualmente sobre a realidade do Hospital de Urgências de Goiânia.

Já a escolha do HUGO como objeto de estudo desta pesquisa, justifica-se devido ao fato de ser um dos principais hospitais do Estado, com atendimentos de urgência e emergência que recebe pacientes de todos os municípios de Goiás. Entendemos que a mudança do modo de administrar – a gestão por Organizações

---

<sup>12</sup> A matéria completa está disponível no link: [https://drive.google.com/file/d/0B\\_zsZ4s4II5taW1WekJkUjzkUHc/edit?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/0B_zsZ4s4II5taW1WekJkUjzkUHc/edit?usp=sharing)

Sociais - configura-se como um dado novo no discurso sobre o hospital e a saúde pública brasileira, merecendo, portanto, uma análise específica.

Para a presente análise propõe-se um olhar amplo em relação à matéria jornalística, partindo-se dos ideais de Fairclough (2001), mas com uma tematização e categorização das críticas mais emergentes e que despontam do texto, ferramenta utilizada na pesquisa de Cirino e Tuzzo (2014) para analisar uma reportagem de TV com o mesmo assunto e abordagem semelhante à desta matéria de veículo impresso.

A matéria desta pesquisa foi destaque de capa da edição 9.784 do jornal apresentando a fachada do hospital e ocupou 95% do espaço da página 03, uma das páginas com maior visibilidade do jornal (a próxima a ser lida na perspectiva dos quadrantes de visualização ao abrir o impresso).

As imagens utilizadas foram: mãe feliz pela alta do filho recuperado sendo ajudado por um profissional de saúde; lavanderia reformada; leitos de internação em reforma para receber pacientes; e a nova recepção do hospital, que foi reformada recentemente. Todas possuem o ponto em comum central do sentido da mudança, melhoria contínua e foco no paciente. Também foi demonstrada uma tabela com números de atendimentos de 2013 e uma parcial de 2014, mas sem um comparativo das estatísticas dos anos anteriores que demonstrariam o aumento ou não dos atendimentos, visto que o enfoque da matéria é a reforma e melhoria do hospital para atender a demanda que é crescente. É crescente, mas o quanto disso o hospital consegue atender atualmente?

A representação de vozes (RESENDE, 2006) que estão diretas na matéria através da citação de suas falas entre aspas são: a camareira/mãe de paciente com alta; o próprio paciente com alta satisfeito; o *comandante* do navio Hugo, o diretor-geral (veja sobre isso no item *heroificação/dramatização*); médico-chefe da ortopedia do hospital; profissionais da psicologia; médico que recebe pacientes na entrada; e médica-chefe da UTI. Ao total foram *ouvidos* 7 personagens nesta matéria, sendo que destes, 5 são funcionários em cargos de liderança e estratégicos no hospital e apenas 2 são pacientes, que deveriam ser os *representantes* da sociedade neste texto. A palavra *representam* pode ser inadequada, visto que menos de 30% das falas presentes no texto são dos que mais poderiam falar do atendimento, os próprios pacientes e

## 70:

acompanhantes, além do que estas duas falas nesta matéria se tratam apenas de um único caso de atendimento bem sucedido que serviu para ilustrar toda a matéria, então não podemos afirmar que realmente representam o universo de atendidos no hospital. Já a representação de vozes indiretas, são o olhar do jornalista, do jornal e dos seus editores, do governo do Estado de Goiás, da Organização Social que administra o hospital – e o próprio hospital – e da Saúde Pública Estadual. E o que pensa a sociedade sobre isso? E quem não conseguiu ser atendido? Qual o outro lado dessa história? O enquadramento e a seleção de falas não foi, então, crucial para formar um texto positivo acerca do hospital?

### *Antropomorfização*

O título é uma das partes mais importantes para qualquer obra, seja uma peça publicitária, um poema, uma narração, ou até mesmo nas matérias jornalísticas. É um elemento crucial com a responsabilidade de ser sedutor e atrair os olhares dos leitores quase sempre apressados. Além disso, o título consegue dar um tom à matéria, serve de pano de fundo onde será construído todo o discurso.

No caso desta matéria o título com poucas palavras conseguiu demonstrar o interesse principal da matéria: mostrar um novo Hugo, agora curado. Ao trazer “Hugo, o hospital que sarou”, também se afere um ato e uma tentativa de antropomorfização do hospital, visto que o ato de *sarar* é uma característica de um ser vivo (animal, humano e planta). Ao colocar que o hospital sarou, ali está implícito, provavelmente, a tentativa de humanizar, mostrar que todos passam por momentos difíceis, mas que a cura é possível, e que é compreensível que aconteça isso.

O jogo de palavras que se encaixa facilmente com a área da saúde pôde demonstrar que a crise no âmbito estadual, sofrida principalmente pelo Hugo, foi uma virose, uma doença, e que agora sarou, foi curada. Para essa reabilitação do hospital foi necessário um remédio ou um tratamento que durante a matéria é explicitada: a organização social que assumiu a unidade em meio à doença e conseguiu curá-la com ferramentas da *gestão inteligente* do SUS – slogan divulgado pela Secretaria Estadual de Saúde.

### *Institucionalização*

O ponto mais frequente em toda a matéria é a autopromoção da unidade hospitalar, aqui categorizada como *institucionalização*, em que há uma exagerada demonstração de características e benefícios, outrora jamais demonstrada ou citada pelas matérias jornalísticas nos veículos de comunicação, mas pelo contrário, uma hipercrítica aos pontos negativos que culminaram na crise da saúde em meados de 2011 e 2012.

Dentre as citações que mais denotam essa prática podemos verificar nas falas selecionadas da mãe e do paciente em alta: “há muitos anos eu moro aqui, antigamente o Hugo estava ruim, mas hoje está ótimo, maravilhoso, melhorou cem por cento” e “o Hugo está de parabéns pelo atendimento, fui muito bem atendido”. Podemos perceber novamente a necessidade da confirmação de um passado ruim, doente, mas que hoje é um presente saudável e resolutivo, também evidenciada na fala do diretor-geral do hospital: “o hospital corria sério risco de interdição. Não tinha condições de infraestrutura, não tinha remédios”. A dualidade do passado negativo agora apagado com o presente/futuro positivo.

O espaço de fala do jornalista também encontra muitas tendências de supervalorização dos atributos desse hospital que sarou: “muitas áreas foram reformadas e outras estão em processo de melhoria”; informações sobre a lavanderia e terceiro andar reformados; a inclusão da palavra “gigantismo” relacionado ao Hugo, demonstrando sua grandiosidade e eficiência; a ênfase para serviços complementares que também funcionam 24 horas na unidade, como o da psicologia que visitam todas as unidades para amparar os pacientes e acompanhantes; o destaque para os equipamentos *modernos* encontrados pelas salas e áreas do hospital, sob a ótica apresentada ao jornalista redator da matéria; e um dos médicos entrevistados conclui sobre o Hugo “a capacidade de resolução do Hugo é muito grande”, muito grande em relação à quê?; além disso, mais dois pontos essenciais para serem analisados: a humanização e a multidisciplinaridade.

Dois carros fortes na divulgação de unidades hospitalares são a humanização e a equipe multidisciplinar, ambas convergem em ações propostas e exigidas pelo próprio Sistema Único de Saúde, mas que são abordadas como se fossem um benefício

## 72:

a mais para os pacientes e acompanhantes. “A atuação de vários profissionais no atendimento aos pacientes, chamada tecnicamente de multidisciplinaridade, faz parte da rotina do hospital”, assim é divulgado o atendimento multidisciplinar. Entremeio a estes pontos também são discutidos a importância da segurança no ambiente hospitalar, outro objeto de normativa reguladora que obriga tais métodos nos hospitais em busca da qualidade no atendimento, não sendo um benefício para a população, mas o mínimo que tal unidade deve oferecer para cumprir a lei.

É encontrada uma forte tendência a adjetivação do hospital e das características em relação a ele, como: ótimo, maravilhoso, melhor, resolutivo, grande, gigante, e outros termos que levam à autopromoção do hospital e da própria imagem da Organização Social ali imbricada nesta relação. E por que não falar que é positivo também para a imagem do próprio governo que implementou tal medida e que acompanha e fiscaliza as ações realizadas.

#### *Heroificação/Dramatização*

Nas matérias positivas em relação às unidades de saúde quase sempre há a tendência para a heroificação e transformação dos profissionais envolvidos em personagens heróicos que estão em uma luta e na batalha pela vida (CIRINO e TUZZO, 2014). Neste texto em específico pode ser evidenciada claramente esta prática de heroificação em relação à figura do diretor-geral do Hugo, chamado no em um subtítulo de *Comandante*, parte do texto dedicada para supervalorizar a figura do líder.

Castro está para o Hugo assim como um bom comandante está para um grande navio. Com mais de 20 anos de atuação na unidade, o médico, cuja experiência é denunciada pelos cabelos brancos, coloca sua vivência a favor da saúde dos milhares que passam por seu navio todos os meses. Paciente e muito atencioso, não descuidava dos detalhes e ainda consegue tempo para acompanhar os casos mais complexos e demorados. Salvar vidas é o estímulo ao trabalho do diretor-geral da unidade, Cyro Ricardo de Castro. (DM, 2014, p. 3)

O texto chega a ser confundido com uma autopromoção, mas também o é, pois ao transformar o diretor em *comandante* de um grande navio, as vidas que ali são cuidadas não apenas pelas mãos dos profissionais de saúde habituais, mas sim por

marinheiros seguindo normas que vão de encontro às estratégias de um líder maior. Bourdieu (1997) salienta que devemos nos preocupar também não só com o que está sendo dito, mas o que não está sendo dito nas matérias. Ao trazer tais informações de hipervalorização ocupam um espaço que poderiam dar momento à voz da sociedade e o que ela pensa sobre isso tudo. Dar voz ao paciente que não foi selecionado para entrar neste *navio*, por não ser perfil da unidade. Dar voz aos que veem este navio navegando por águas e mares diferentes das que se deu prioridade de fala nesta matéria. A dramatização dos textos em saúde também são uma tendência quase sempre utilizadas pela televisão ao dar enfoque aos dramas vividos pelos pacientes nas unidades hospitalares, mas que também tem espaço nas matérias de veículos impressos. No texto analisado evidenciaram-se os seguintes pontos de dramatização: o título da matéria, além de antropomorfizar também é uma forma de buscar um nível sensível e estético para a discussão do tema e na frase: “a gravidade dos casos expõe a fragilidade do ser humano, que muitas vezes precisa ser amparado”, voltando à busca intensa da sensibilização para a noção de que o ser humano ali presente está debilitado, necessitando de total apoio do comandante e seus marujos, prontos para entrar em combate.

### **A roda da mudança discursiva**

Analisamos o que se é dito sobre o objeto através da mídia, pois o intuito não é avaliar comparativamente se de fato o discurso apresenta a *realidade*. Veja, essa não é uma discussão sobre verdade ou inverdade, mas sim sobre o quanto desse discurso de melhoria apresentado na matéria do *hospital que sarou* de fato modifica ou muda a perspectiva das pessoas que vivem a realidade do Hugo: os pacientes que procuram atendimentos diariamente na unidade de saúde.

Seria possível através desta publicação no Jornal Diário da Manhã promover uma mudança acerca do olhar das pessoas em relação ao Hugo, ou em relação a saúde pública estadual como um todo? A mudança do discurso ou a mudança do enquadramento dentro de um discurso é suficiente para que haja ao menos o início do rompimento de uma imagem e percepção da sociedade cristalizada e solidificada ao

longo dos anos? Caso essa matéria faça parte de uma estratégia maior para reorientar e atribuir novos significados à saúde pública de Goiás, ela conseguiu ser eficiente?

De acordo com Resende (2006, p. 113) “as visões particulares de mundo, internalizadas em gêneros, discursos e estilos, não apenas representam a realidade mas também contribuem para criar a realidade que se noticia”. De fato, ao trazer novos apontamentos e discussões sobre o Hugo que outrora não tinham espaço na mídia, pode sim iniciar um movimento de circulação de informações capazes de em futuro mudar a imagem que as pessoas têm do hospital, mas que não refletem em mudanças diretas e imediatas atualmente. As vozes diretas e indiretas presentes neste texto coadunam e se complementam tecendo uma nova roupagem para um velho objeto, uma velha imagem. Esse movimento circular de mudança social deve ser visto como a própria tridimensionalidade proposta por Fairclough (2001), em que um novo texto poderá criar uma nova prática discursiva que por sua vez é capaz refletir diretamente na prática social. Discursos alteram o social. E o social altera os discursos. Com a apresentação desse “novo Hugo” nesta matéria jornalística - e visto também em outra análise similar (CIRINO e TUZZO, 2014) -, pode iniciar uma roda de mudanças criando novas matrizes discursivas e quiçá novas percepções sobre o hospital.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2014.

CIRINO, José Antônio Ferreira; TUZZO, Simone Antoniacci. **Mídia, Saúde e Cidadania: Análise de Discurso Crítica da “Luta Pela Vida” em Goiás**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

DM, Jornal Diário da Manhã. **Hugo, o hospital que sarou**. Goiânia, GO: 17 de julho de 2014.



FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social** / Norman Fairclough; Izabel Magalhaes, coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEUSS, Raymond. **Teoria crítica: Habermas e a Escola de Frankfurt** / tradução Bento Intamar Borges. - Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e Teoria Crítica**. In: Comunicação & Controle Social / Pedrinho A. Guareschi (org.). Vozes, 1991, p. 52-71.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação** / tradução Ciro Marcondes Filho. - São Paulo: Paulus, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6. Ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

MENEZES, Kalyne. WANDERLEY, Tâmara R. Q.; BRAGA, Claudomilson F. **Saúde como Notícia: o SUS e suas imagens na mídia impressa goianiense**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste - Rio Verde - GO - 30/05 a 01/06/2013.

O POPULAR. **MPF investiga caos em hospitais de Goiás**. 2012. Disponível em: <http://www.opopular.com.br/mpf-investiga-caos-em-hospitais-de-goi%C3%A1s-1.200103>. Acesso em 29-03-14.

PAIVA, Raquel e Gabbay, Marcelo. **Leitura crítica e cidadania: novas perspectivas**. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Curitiba, PR - 4 a 7 de setembro de 2009

RESENDE, Viviane de melo. **Análise de Discurso Crítica** / Viviane de Melo Resende e Viviane Ramalho. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGO ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1988.

RÜDIGER, Francisco. **A Escola de Frankfurt**. In: **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências** / AntonioHohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França (orgs.) - 7. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 131-150.

## 76:

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica / Jessé Souza. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio De Janeiro: IUPERJ, 2003

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 12. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TUZZO, Simone Antoniacci. **O lado sub da cidadania a partir de uma leitura crítica da mídia**. In: PAIVA, Raquel e TUZZO, Simone Antoniacci. Comunidade, Mídia e Cidade: Possibilidades comunitárias na cidade hoje. Goiânia: FIC/UFG, 2014.

WERBA, Graziela C.; OLIVEIRA, Fátima de O. **Psicologia Social contemporânea: livro-texto**. Marlene Neves Strey. et. Al. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.